

REFLEXÕES ACERCA DO VALOR SIMBÓLICO DO “MUNDO DO CRIME”: A “OUTRA FAMÍLIA”

LOHAINE JARDIM BARBOSA¹

RESUMO

O presente artigo pretende fornecer reflexões acerca das dimensões simbólicas da adesão de crianças e adolescentes ao mundo do crime, em especial ao mundo do tráfico de drogas. Além de discutir algumas teorias atuais voltadas para a análise da questão da violência no Brasil, este artigo procura trazer à luz, um olhar sobre os elementos simbólicos de construção do discurso dos jovens envolvidos com o mundo do crime. Para tanto, é dado voz aos sujeitos através de entrevistas efetuadas com traficantes e extra-trafficantes, bem como, é feito um levantamento dos discursos veiculados nas mídias locais, onde encontramos as representações acerca desses jovens e as suas falas sobre o que fazem e como se veem. O que temos ao final, não são conclusões ou respostas, mas sim, olhares sobre um fenômeno multifacetado, complexo, e ao mesmo tempo gritante, que se faz presente não só em nosso Estado, ou nosso país, mas sim, em todo o mundo em que encontramos pessoas vivendo em condições de profunda desigualdade social.

¹ Mestre em Ciências Sociais (UFES) e especialista em Comunicação Sociais e Gestão de Imagem.

APRESENTAÇÃO : O QUE LEVA JOVENS E ADOLESCENTES A SE ENVOLVEREM NO MUNDO DO TRAFICO DE DROGAS?

“A violência contemporânea situa-se no cruzamento do social, do político e do cultural do qual ela exprime corretamente as transformações e a eventual desestruturação”. (WEVIORKA, 1997:36)

O presente artigo pretende trabalhar as dimensões simbólicas da adesão de crianças e adolescentes ao mundo do crime, em especial ao mundo do tráfico de drogas. Procuo destacar o que vem sendo elaborado pela bibliografia atual que visa discutir a violência urbana no Brasil e em especial, com foco na realidade do Município de Vitória no Espírito Santo, com relação aos elementos emocionais e psicológicos da adesão de garotos e garotas, cada vez mais jovens, ao mundo do tráfico.

Com isso pretendo refletir sobre os elementos simbólicos de construção do discurso dos jovens envolvidos com o mundo do crime, de forma a destacar os elementos emocionais, psicológicos e os discursos elaborados com base numa nova significação de suas vidas a partir da adesão ao mundo do tráfico.

Utilizando a bibliografia existente sobre o tema, destaco algumas argumentações recentes existentes na teoria brasileira e internacional, relacionado a uma análise ou reflexão da dimensão simbólica e/ou emocional da adesão de jovens ao mundo do tráfico, destacando as principais percepções de cada um dos autores. Posteriormente, analiso “falas” de informantes e discursos publicados em jornais de circulação local, que contenham explicações, representações e ideias dos jovens que se encontram envolvidos no mundo do tráfico de drogas, focando-se o caso do município de Vitória, e em alguns momentos comparando este ao caso do da cidade do Rio de Janeiro, como descrito por Luke Dowdney em “Crianças do Tráfico”².

Na análise dos discursos procuro elementos que auxiliem na compreensão do fenômeno da adesão ao mundo do tráfico, por parte de crianças e adolescentes, ao destacar possíveis elementos simbólicos e emocionais desse envolvimento, procuro refletir sobre a hipótese de o Estado do Espírito Santo estar vivendo uma mesma realidade que foi

2 DOWDNEY, Luke. Crianças do Tráfico. Um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro. In: Crianças do Tráfico. Um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro. Editora 7 Letras, 2003.

comum no Rio de Janeiro na década de 80, com intensificação posterior. Neste Estado, o aumento da repressão e da mentalidade de “combate” ao tráfico de drogas, parece contribuir para o “rejuvenescimento” das “lideranças do crime”, e para um movimento cada vez mais dinâmico de “trocas de lideranças” dos pontos de vendas de drogas na Cidade de Vitória, causando a fragmentação desses pontos e o aumento do índice de mortalidade de jovens entre 14 e 25 anos.

A hipótese aqui trabalhada, apesar de considerar o trabalho de crianças e adolescentes como um fenômeno histórico e cultural na sociedade brasileira, parte do princípio de que o acirramento do combate e das políticas de repressão do tráfico de drogas, bem como a expansão e consolidação da atividade do narcotráfico no Brasil, tenha intensificado o aliciamento de crianças e jovens pela dinâmica do tráfico de drogas, não apenas entre as classes baixas, mas também entre classes médias e altas. Fenômeno esse que não pode ser explicado apenas através de uma sociologia do risco (PERALVA, 2000; SPINK, 2003; ROCHE, 1994; COHEN, 1999) embora deva ser considerado também nessa perspectiva, envolve elementos de ordem emocional, psicológica, e social fundamentais para a compreensão e a reflexão sobre os índices de morte de jovens do sexo masculino, entre 14 e 25 anos (tendo a Cidade de Vitória no Estado do Espírito Santo como referência).

Embora esse tema seja atual e fundamental no pensar sobre políticas públicas de segurança urbana, não pretendo aqui elaborar um guia de como lidar com esse fenômeno, nem listar ações dos poderes públicos em prol da diminuição dos índices de homicídios de jovens, ou de tráfico de entorpecentes.

É pretensão desse artigo enfatizar a importância de reflexões e produções de pesquisas que tenham como fundamento a análise de aspectos emocionais e simbólicos da adesão ao crime, não bastando para esse fim à análise de estatísticas criminais (que por si só são limitadas e falhas, por focar a perspectiva do crime e não da vítima, e pouco considerar os crimes não denunciados e por isso, não catalogados e quantificados). O que se pretende nesse breve artigo é provocar a necessidade de análises e postulados teóricos que considerem o fenômeno da violência urbana a partir de um olhar multi-focal, que considere as dimensões subjetivas e não apenas sócio-estrutural, econômica e política do fenômeno da violência.

OLHARES SOBRE A VIOLENCIA URBANA NO BRASIL:

Michel Weivorka (1997) foi talvez um dos primeiros autores a propor um novo paradigma

da violência que considerasse a dimensão subjetiva e psicológica do fenômeno, para além de uma leitura social do mesmo. O autor propõe uma discussão que visa articular e integrar as diversas teorias sobre violência focando experiências históricas concretas, mas não de forma a esclarecer “classes de violência”, o que limitaria a análise do fenômeno a um conjunto de especificações de ordem epistemológica. Este acaba com o “mito” de uma suposta “irracionalidade da violência”, destacando a existência de uma racionalidade própria à violência e que se contextualiza ao se manifestar enquanto tal, sendo sua natureza extremamente dinâmica e mutável. Ao argumentar que a violência é com frequência, ou pelo menos em parte, a marca de um “sujeito contrariado, interdito, impossível ou infeliz”:

...(a violência) Traz então a marca de uma subjetividade negada, arrebatada, esmagada, infeliz, frustrada, o que é expresso pelo ator que não pode existir enquanto tal, ela é a voz do sujeito não reconhecido, rejeitado e prisioneiro da massa desenhada pela exclusão social e pela discriminação racial. (WEVIORKA, 1997:37)

Sua proposta de uma teoria da violência baseada na noção de sujeito, parte de uma análise centrada no sujeito racional, capaz de construir-se a si próprio, produzindo sua existência e seu reconhecimento na alteridade que produz em relação “aos outros”. Trata-se de um sujeito dialético, em que o conflito se torna a sua base constituinte e a partir desse são construídas e re-construídas as relações sociais. Embora racional, esse sujeito não é sempre “ator” (WEVIORKA, 1997) e é justamente nesse espaço em que este deixa de ser ator, deixa de se responsabilizar e/ou ser dono de seus atos, que a violência se constituiria.

Segundo o autor, as experiências da violência urbana não poderiam derivar de uma leitura economicista que relacione os atos de violência e a criminalidade a uma “frustração” pela não possibilidade de inserção no mercado de consumo, como destacam alguns autores (TAKEUTI, 1993; CARNEIRO, 2002)

Weviorka (1997) relaciona frustração e reconhecimento - do ponto de vista da psicologia dos instintos (psicanálise), o termo frustração para o autor refere-se geralmente à recusa de satisfação pela realidade, podendo ser essa uma frustração externa ou interna (para distingui-la da contrariedade de impulsos por forças no inconsciente ou também na consciência). Por isso, a violência não é relacionada a um ato irracional, mas sim a uma insatisfação ou revolta que se constitui enquanto legítima em virtude de uma lógica

própria do autor desta.

O foco da reflexão deixa de se debruçar sobre a ilegalidade ou não da violência, principalmente nos casos em que essa se constitui enquanto um crime, mas sim, passa a se a uma leitura de uma “outra lógica”, a do autor dessa violência, que interpreta seu ato enquanto legítimo em virtude de um sentimento de injustiça do qual se sente vítima – ou seja, em virtude de um ato de violência que é anterior a uma violência que seria foco da opinião pública, da mídia e tida como “violência real”.

O essa frustração do sujeito, não é para Weviorka uma frustração por não participação no mercado de consumo, embora esse seja um fato real, mas trata-se antes, de uma frustração pelo não reconhecimento enquanto sujeito o que seriam um motor da produção de um sentimento de injustiça, motor dessa violência tomada como real.

Ofuscados pela mídia e pela insegurança generalizada, os indivíduos não tomam consciência da violência do não reconhecimento que é anterior à violência generalizada. E por isso, a última se tona um simulacro da real violência que se dá no campo do reconhecimento dos sujeitos enquanto tais, da efetivação de direitos civis, sociais e políticos. Ou seja, a violência da desigualdade social, da discriminação social, racial, sexual, entre outras.

Estas, por outro lado, estariam na constituição das relações sociais na sociedade brasileira, e na base do desenvolvimento dos indivíduos, e suas subjetividades. A violência configura-se, desse modo, enquanto reação a negação de subjetividades diversas, e também, como reação à incapacidade das instituições em fornecer meios de instrumentos para o reconhecimento e a realização pessoal.

Para o autor as sociedades atuais se encontram em crise e “[...] geram condutas, em seu próprio âmago, que constituem a marca para sua própria negação pessoal do sujeito” (WEVIORKA, 2006: 205). Podemos dizer que a violência generalizada da mídia obscurece um conflito fundante das sociedades ocidentais, e pode ser interpretada enquanto um ponto de partida “...a condição necessária para que se constituam atores, para que se exprima uma subjetividade até então reprimida...”(WEVIORKA,2006:209).

A violência é fruto de um trabalho de “sentido”, daí a importância de investigarmos seus elementos subjetivos, seu sentido para o autor da violência, superando assim uma lógica dominante de criminalização de certos atos de violência e naturalização de outros que

exprimem um conflito fundante de nossas sociedades.

[O] que caracteriza toda a violência: é o fato de que ela coloca em ação um sentido; mas que este, inevitavelmente, perde-se; desnaturaliza-se, perverte-se e sobrecarrega nela, o que é a marca de trabalho do sujeito através da violência, onde ele é suprimido – mas como vimos, também por vezes se funda (2006:212).

Weviorka não exclui a violência enquanto gozo (ou seja, violência pelo simples ato e prazer de proceder contra a dignidade do outro), mas enfatiza que essa emerge sempre de processos sociais, políticos e subjetivos que não são passíveis de tradução via uma estrutura de personalidade ou cultura, ou seja, o estudo do sentido que o autor da violência atribui a essa, bem como a carga simbólica e emocional que legitima a prática da violência deve constar enquanto elementos fundamentais dessa tradução.

Para o autor não bastaria uma interpretação que enfatize uma “perda”, “crise” ou “diminuição” dos sentidos e valores numa dada sociedade, mas sim da observação dos seus excessos, suas faltas e dos conflitos de se escondem por detrás da violência aparente que se constitui enquanto violência real, em virtude de um trabalho que a violência efetua sobre si mesma. Segundo afirma “A violência contemporânea situa-se no cruzamento do social, do político e do cultural no qual ela exprime correntemente as transformações e a eventual desestruturação” (1997: 36).

Por isso, Weviorka (1997) rejeita a possibilidade de se compreender a violência a partir de um levantamento histórico da mesma, ou de uma análise estrutural de sua configuração, e nem parcial de seu momento, e argumenta que compreender o ponto de partida da violência não garante a compreensão do seu ponto de chegada ou sua trajetória. A violência é um fenômeno subjetivo, e como toda subjetividade ela se transforma, se perverte e se inverte.

Para pensar de maneira diferenciada o surgimento e o desenvolvimento da violência no espaço, não há mais princípio geopolítico sólido, as distinções econômicas são insuficientes, e a tese de choque das civilizações revela-se imprópria. Num mundo ou mesmo tempo fragmentado e globalizado, as probabilidades de gaves violências localizadas são grandes em toda a parte, e ao mesmo tempo os problemas os mais limitados têm bem mais que no passado todas as chances de serem deslocados, exportados, prolongados fora do seu espaço inicial ou natural. (pg.28).

...a violência contemporânea pode ser analisada como um vasto conjunto de experiências que,

cada uma à sua maneira, traduzem o risco de implosão pós moderna, e mesmo seu esboço.(1997:29)

Em sua obra “Novo paradigma da Violência” (1997) o autor discute o fenômeno da violência tendo a política como lugar central a partir do qual as diversas formas de violência devem ser pensadas. Lugar esse que seria marcado, na contemporaneidade, por profundas carências e pela incapacidade de gerir as demandas sociais, englobando assim expectativas individuais e coletivas.

Um outro autor importante para analisarmos o fenômeno da adesão de jovens e crianças ao mundo do tráfico é Paulo Cesar Fraga, o autor, embora analise o Rio de Janeiro em comparação com a questão colombiana, em seu texto “Juventude, narcotráfico e violência no Brasil: para além do rural e do urbano” (2000), este consegue captar a necessidade de se aprofundar nas especificidades dos casos brasileiros. Entre os elementos que contribuiriam para o fenômeno que trabalhamos aqui, Fraga enumera, para o caso Colombiano: o “pouco apego à vida”, o uso indiscriminado da violência, o “imediatismo” e o consumo exagerado e desenfreado, mas longe de aceitar apenas explicações economicistas para esse fácil aliciamento, destaca intensa solidão vivenciada por esses jovens e crianças:

medos, angústias, retratos de vidas que precocemente haviam perdido o sentido, “...em uma situação em que algozes e vítimas pareciam se confundir, num contexto em que todos os agentes são produtos das mudanças sociais e da socialização imposta pelo tráfico [...] contudo é entre os jovens que a violência tem moldado as suas consequências mais nefastas (2000:82-83).

Sua argumentação destaca o que viria a ser uma “cultura da urgência” (Sanchez, 1996), que estaria na base de um comportamento imediatista, e favorável ao risco:

...para estes jovens não há futuro nem raízes, a tradição é uma palavra vazia de conteúdo, existindo apenas, valoricamente, o tempo presente e que este é feito de cada instante e deve ser vivido como se fosse o último, sem qualquer outra referencia, se não o hiper consumismo”.(2000:82)

Apesar de destacar os elementos sociais, econômicos e comportamentais desse “desapego”, e “cultura da urgência” e do efêmero, sua explicação leva em conta as condicionantes emocionais e psicológicas desses jovens. Para este, a violência (no caso

colombiano) estaria inevitavelmente atrelada aos meios utilizados para que a riqueza acumulada com a atividade do narcotráfico permita aos chefes dos cartéis conquistar integração e reconhecimento social, ou seja, garantir sua inserção nos círculos das elites e do poder político da Colômbia, tendo ampla influência sobre os processos decisórios. Dessa forma, a juventude se configuraria enquanto massa de manobra em prol do enriquecimento do “neoliberalismo mafioso” (2000:86).

O caso colombiano não difere tanto assim do brasileiro, no primeiro país a atividade do narcotráfico é mais intensiva, esta na base da economia do país, em termos econômicos e sociais, já que também uma “elite” de gangster. Entretanto, no Brasil, a atividade também se relaciona com posição e disputa política, bem como se encontra estruturado e organizado, e embora não tenhamos dados sobre a sua participação na economia como um todo (uma vez que essa atividade é ilegal), podemos notar que esta sofreu nos últimos anos grande expansão e representa parte considerável de nossa economia.

Como observa Fraga:

Não se pode afirmar, sem prejuízo de vislumbrar a possibilidade graves equívocos, que o Brasil vive uma situação pré colombiana, se entendermos, tal terminologia como a penetração dos narcodólares na economia do país e seu impacto sobre todo o mercado [Porém] não se deve desprezar a sua presença cada vez mais crescente e a constituição de imensas redes baseadas na produção, na distribuição e no consumo de substâncias psicotrópicas.(2000:86-87)

Como destaca Fraga, o caso Brasileiro também configura-se sobre índices altíssimos de mortalidade e incorporação de uma população extremamente jovem, isso desde a década de 80, considerando-se a cidade do Rio de Janeiro:

A violência contra jovens cresceu em média no país, porém não é igual em todas as cidades e o que constitui um dado importante é que, nem sempre ocorre com mais intensidade no meio urbano do que no meio rural..”(2000:88).

É percebendo essas especificidades que Fraga argumenta que o recrutamento para o crime organizado e a violência que atinge os jovens brasileiros não se apresenta apenas segundo o formato de índices de mortalidade, mas também nas estatísticas policiais, entretanto, essas, outros lado, refletem em alto grau e claramente, uma discriminação histórica contra a população negra, jovem e de baixa renda.

As instituições policiais brasileiras e demais instituições de repressão e controle,

dispensam um comportamento diferencial a um certo grupo étnico e social que torna bem evidente: “a criminalização de jovens negros, pobres e moradores dos subúrbios” (FRAGA; 2000). O que como mostra Peralva (2005) pode também funcionar como um motor alimentador e reforçador da “escolha” desses jovens pelo mundo do narcotráfico, ou seja, a experiência da discriminação é para Fraga (2000) e Peralva (2005) um motor para o que poderíamos chamar de sentimento de insatisfação e revolta que se torna “resignação” na adesão ao mundo do tráfico.

Fraga argumenta que muitas vezes, o comportamento “criminoso” (o envolvimento com o tráfico) pode significar uma posição de enfrentamento dessa sociedade que discrimina e coloca esses jovens numa posição de subalternidade e marginalidade.

Este enumera do ponto de vista macro-social as características, em termos de sociedade brasileira que serviriam de contexto propício ao envolvimento de jovens com o tráfico e outras atividades consideradas criminosas, entre outras cita: situação marginal em relação ao mercado de trabalho da qual são vítimas mulheres de jovens no país; a precariedade das condições de trabalho que tornam as atividades criminosas e o dinheiro imediato uma opção; a pouca ou nenhuma perspectiva de futuro (em virtude da falta de formação profissional ou mesmo das condições desfavoráveis em relação à sociedade mais vasta; a relação imediatista com o mundo e o consumo (desejo de participar do mercado de consumo a qualquer custo) o que como salienta Peralva (2005), faz com que o risco valha a pena. E a relação de alteridade com o mundo da cidade (classes médias e altas), o que englobaria a experiência da violência da discriminação e da dificuldade de acesso a bens e serviços.

Esse risco, para Peralva (2005), é entendido como pré suposição para a auto-realização, ou seja, forma de superar a adversidade as quais são expostos e contra as quais lhe são impostas:

crescimento espetacular do envolvimento de jovens com o narcotráfico, uma realidade que se fundamenta nas extremas desigualdades vivenciadas historicamente pela população carioca e, de maneira geral, brasileira, do acesso à educação, salários dignos e melhores condições de vida (...) situação de violação de direitos humanos (...) exposição à situação de risco.(FRAGA, 2000:93).

Somado a isso, Fraga identifica ainda o que seria uma “sensação de abandono por parte

das instituições pública, e crise da instituição familiar enquanto centro formador de valores, sociabilidade e convivência”, nesse momento, sua argumentação se aproxima de uma interpretação a cerca de sentimentos, valores e emoções, mas o autor não se aprofunda nesse sentido, limitando-se em pontuar como fundamental essas variáveis.

Ambos os atores aqui trabalhados possuem importantes contribuições para a compreensão da complexidade do fenômeno da violência, em especial a violência criminosa (que constitui enquanto crime sendo tipificada no Código Penal), e apontam para a necessidade de se buscar explicações para esse fenômeno, não apenas nas estruturas sociais ou na chamada “crise das instituições”, mas sim, na compreensão dessas instâncias através da análise das emoções, dos sentidos, dos valores e idéias construídas pelos autores da violência, em relação a essa.

Os autores destacam a dinamicidade da violência e a necessidade de contextualizá-la, sem que se vincule seu status a uma evolução histórica. Weviorka (1997) deixa bem claro que a compreensão da evolução histórica da violência não fornece elementos de compreensão do seu Estado atual, bem como a compreensão de seu Estado atual não garantiria um conhecimento ou a pretensão da elaboração de hipóteses sobre seu desenvolvimento futuro.

...o que caracteriza toda a violência: é o fato de que ela coloca em ação um sentido; mas que este, inevitavelmente, perde-se; desnatura-se, perverte-se e sobrecarrega nela, o que é a marca de trabalho do sujeito através da violência, onde ele é suprimido – mas como vimos, também por vezes se funda'. (WEVIORKA, 2002: 212).

Daí a importância de se focar nos sentidos que os atores atribuem às práticas de violência, a significação que estes constroem a cerca de seus atos e o impactos dessa experiência da construção de suas subjetividades. Para título dessa análise, denomino de “outra sociabilidade” a experiência do tráfico para milhares de jovens que envereda, nesse mundo, e nos capítulos que seguem, procuro refletir sobre os valores, as idéias e a significação da experiência do tráfico, por parte de jovens que estiveram ou se encontram envolvidos no “mundo do crime”³. A partir das falas desses jovens, e da forma como legitimam suas atividades, procuro refletir sobre diversas dimensões da violência urbana no Brasil.

3 Utilizo aspas, em virtude de os meus entrevistados não consideram o “tráfico” de drogas” enquanto um crime, e sim como um comércio ainda não reconhecido e perseguido pela sociedade.

A OUTRA SOCIABILIDADE: TRÁFICO ENQUANTO PROFISSÃO

Ao analisar o “trabalho infantil no Brasil”, Fraga destaca que o trabalho infantil faz parte da constituição social brasileira, onde o trabalho infantil era interpretado enquanto valor moral (desde o século XIX), ou seja, uma preparação e treinamento para a criança se constituísse em adulto responsável e dado ao trabalho. Sua legitimação advinha da crença numa “moldura moral da criança” a partir dos valores do trabalho. Este possuía valor inquestionável como formador de carácter, mesmo que exercido sobre condições indignas, insalubres e se tratando de uma mão de obra quase escrava (uma vez que por ela sempre foi pago muito pouco).

Mas embora o trabalho infantil esteja arraigado a cultura brasileira, a ampla utilização do trabalho infantil não se constitui novidade no modelo de produção capitalista, nem muito menos em nossa formação social.

Fraga explica a ampla aplicação de crianças e jovens no tráfico com base na crise do mercado de trabalho e em virtude da “era da empregabilidade” (SENNETT:2004,2006). A precariedade das condições de trabalho; perda de sentido na realização do ofício; da relação com o produto do trabalho; e a exploração da mão de obra infanto-juvenil; em condições de sub-emprego; bem como o fim do emprego conduziriam, principalmente jovens de baixa renda, a uma inserção precoce dos jovens ao mundo adulto. Este destaca que:

(...)há, atualmente um tipo de exploração proveniente do retrocesso em relação às conquistas de direitos assegurados pelas reformas sociais. E que há uma desintegração do patriarcado sem que haja a submissão dele por u modelo de proteção às famílias pelo Estado. O capitalismo informal é uma estrutura social específica com regras dinâmicas próprias que está associado de forma sistêmica à super exploração do trabalho. No cerne da exploração estão os mecanismos geradores de exclusão social.”(2000:97).

Essa inserção em condições de exploração, exclusão social e crise do “poder de controle” da família, e quase inexistência das instituições de controle e regulação social, podem produzir contextos de inversão de valores, e produção de uma nova lógica que vem a legitimar atos ilegais em legítimos.

Ou seja, diante das impossibilidades do mercado, da incapacidade do Estado em gerir as demandas sociais, mergulhados numa sociedade onde injustiça social e impunidade se

solidificam enquanto características de uma formação social que possuiu a desigualdade em sua base, os “adultos precoces” podem elaborar novas lógicas de legitimação de atividades que são consideradas ilegais pela sociedade mais vasta, onde o risco se faz presente e a legitimação da atividade “criminosa” se impõe como forma de resistência às desigualdades sociais, à discriminação da qual são vítimas e a uma violência que é constituinte das relações e da formação social brasileira.

Nesse contexto, o tráfico e a vida de “traficante” permite um “reconhecimento” que antes parecia “impossível” para essas crianças e jovens. Seu mundo, se constitui em um outro mundo, sempre em oposição a “cidade” (sociedade em geral), possuindo regras próprias, possibilidade de ascensão, e reconhecimento de seus talentos, como podemos perceber na fala de um ex- traficante:

[...] lá eu posso fazer alguma coisa pelos outros, ajudar a comunidade, conversar, aconselhar as pessoas, lá eu posso desenvolver meus talentos, as pessoas me escutam, dão valor, reconhecem o que eu falo, agradecem pelo conselho (Fala de um ex-traficante).

O mundo do tráfico permite o reconhecimento e possibilidades de uma nova socialização, muitas vezes mais sólida que a familiar, cujas regras de comportamento fornecem elementos de sentido e novos valores cimentando uma nova lógica que opõe a sociedade da lei (cidade) à uma nova família e nova sociedade (tráfico) legítima e reconhecida para seus partícipes. Como percebe Adorno (1998) a atividade criminosa introjeta e desencadeia desarranjo microscópicos no tecido social, principalmente o rompimento da significação tradicional entre o mundo da ordem e da legalidade com o “submundo do crime”, pois existia anteriormente uma nítida distinção entre trabalho e delinquência. Com essa ruptura o mundo do crime é assimilado enquanto mundo do trabalho, a partir de todos os elementos comuns e esse como “produtividade”, “hierarquia”, e ainda muitos outros que estariam em crise no mercado formal como: “lealdade”, “comprometimento” e “sentimento de pertença”.

O tráfico funciona assim como uma “outra sociabilidade” e a atividade criminosa se configura enquanto atividade econômica legítima, resguardando elementos destruídos e corrompidos pelo mercado de trabalho atual. O tráfico se configura enquanto uma “lógica” da profissão perigosa a partir de uma lógica do mundo do trabalho com um conjunto de valores de pertencimento e reconhecimento agregados.

Os jovens recrutados o são, segundo Fraga, na condição de trabalhadores assalariados,

e o modo de organização dessa atividade se estabelece a partir de alta competitividade, risco (Peralva, 2005), individualismo exacerbado, individualismo extremo, desconfiança extremada e vocação, sendo esta resultado de uma socialização precoce para lidar com a guerra e a probabilidade constante de morte.

Nesse aspecto o autor é superficial ao tratar dos elementos símbolos de ligação e adesão ao tráfico, bem como as motivações que não estão ligadas simplesmente à um desejo de consumo de bens materiais. Este não aprofunda pontos fundamentais, embora promova um olhar sobre esses.

Por isso, enfatizo ser necessário pensar nos vínculos sociais de pertença e o narcotráfico como alternativa cultural para além dos vínculos existentes nas práticas sociais de exclusão e a delinquência com o trabalho enquanto elemento central. Como enfatiza Fraga:

O aumento da violência é um fenômeno complexo e multifacetado que requer para a análise a confluência de variáveis diversas, não sendo suficiente para a compreensão a adoção de uma racionalidade explicativa monocausal.”(2000:98).

Hoje, o trabalho que sempre foi utilizado como elemento formador e de prevenção ao crime, é um dos elementos que, dada a sua configuração atual, atua no sentido de “empurrar” o jovem para a atividade do narcotráfico, uma vez que gera exclusão e se configura enquanto exploração e ausência de sentido de realização pessoal.

A criminalidade ligada ao tráfico não é uma criminalidade comum, pois se sustenta numa imensa e muitas vezes não identificável rede em que, as pessoas que trabalham nessa rede, se constituem enquanto “operários do crime”, e a maioria das crianças e jovens pobres coagidos a garantir a sua sobrevivência e a de suas famílias no mundo do trabalho não enveredam pelo caminho da criminalidade, o que vem a destruir uma relação causal muito divulgada e repetida na sociedade, que se produziria de forma preconceituosa a partir de associação “pobreza e criminalidade” (Peralva; 2005, Telles; 2001).

Sua vinculação e sua sociabilidade é muita mais complexa e multifacetada. E como destaca Fraga (2000) o crescimento do tráfico e da violência na década de 1990, também não são aleatórios. Afinal trata-se de uma década que se caracteriza por mudanças profundas na organização do trabalho, intensificando transformações nas relações sociais. O aliciamento de jovens pelo tráfico não ocorre de forma aleatória, mas sim em

um contexto de crise de referências de instituições regulares, como a família e a escola, e de paradigmas (FRAGA:2000). Para o autor:

Devemos reconhecer que o narcotráfico age nas lacunas abertas pelas extremas desigualdades sociais e na desconstrução dos valores tradicionais. Este comportamento pode ser analisado como reflexo das transformações profundas que novas formas de sociabilidade apoiadas no desmantelamento de instituições sociais e identidades políticas tem produzido nos atores sociais. (2000:105)

Os jovens consumidos pelo narcotráfico são produtos de uma sociabilidade forjada no interior de práticas sociais baseadas na fugacidade do consumo, no imediatismo, na carência de serviços básicos, na falta de perspectiva de futuro e na desvinculação de instituições. Nesse sentido a falta de confiabilidade nas instituições públicas possuem um reflexo desastroso, uma vez que estas passam a ser vistas não como parceiras da sociedade mas sim como produtoras da violência.

A crise das instituições, em especial dos valores advindos da socialização e convivência familiar, cada vez mais fragmentados e destruídos pela lógica do mercado, funciona como campo propiciador aos jovens que sentem necessidade de significar sua experiência no mundo a partir de outras sociabilidades, onde a sociabilidade e os laços de pertença propiciados pela experiência com o narcotráfico vêm a preencher.

A crise dos valores tradicionais e a crise de significação (resultado do “esgotamento” dos ritos sociais) deixaram lacunas sociais que são facilmente preenchidas pela sociabilidade do tráfico, sendo essa um elemento simbólico forte, para além do âmbito mercadológico). E essa sociabilidade, como afirma Peralva (2000) torna difícil a co-existência com outras sociabilidades e valores do mundo do trabalho:

Quanto mais uma sociedade se mostra capaz de controlar coletivamente sua relação com o futuro e estruturar coletivamente as condições de uma confiança compartilhada, pelo apelo a “referências simbólicas”, mas também por meio de estratégias concretas de redução da insegurança, menos ela aceitará que as consequências negativas do risco possam atingir individualmente seus membros. De modo inverso, quanto mais as condições coletivas de construção a confiança forem débeis, tanto mais aceitável parecerá o risco individual, e tanto mais a confiança necessitará basear-se em estratégias individuais de controle do risco.(2000:124).

Com isso, o risco individual da vida de traficante legitima-se nas estratégias individuais e coletivas forjadas a partir dessa “outra sociabilidade” que o “mundo do tráfico” possibilita.

Esse mundo, fornece além de possibilidade de reconhecimento, valores relacionados ao mundo do trabalho e uma idéia de realização pessoal que serve à legitimação da prática criminosa enquanto prática de resistência à sociedade que oprime e reprime o reconhecimento pessoal e a existência de milhares de jovens e crianças que um dia acordaram adultos.

QUE OUTRA FAMÍLIA É ESSA?

Em *Ação e discurso: sugestões para o debate da violência* (MANSO, 2002), o autor procura investigar os homicídios a partir não dos dados estatísticos, mas sim, a partir dos “atores” seus discursos e justificativas. Para tanto, foca a sua atenção nas motivações, valores e na construção de uma lógica própria por parte dos autores dos homicídios que viriam a legitimar e justificar seus atos. Manso faz uma significativa crítica a forma como os instrumentos estatísticos são utilizados hoje, de forma a localizar a violência em certos grupos sociais de modo preconceituoso gerando a estigmatização desses e impondo-lhes uma violência anterior a aquela da qual são acusados de representar em potencial (2002:54). Elas embasam preconceitos existentes nas sociedades com o aval da mesma, instaurando um tipo de violência que se justifica na insegurança e no medo e que se volta a certos grupos sociais (homens, jovens, negros, pobres), o resultado disso seria que acabamos por combater, odiar e menosprezar “portanto, o grupo de pessoas que os dados nos mostram como perigosas e que ameaçam a nossa vida” (2002:54).

Nesse mesmo texto, Manso demonstra através de pesquisas documentais (processos, BOs, e outros), estatísticas e também entrevistas aos praticantes de homicídios (geralmente “matadores profissionais) que na maioria das vezes os homicídios são atos racionais, em grande parte dos casos premeditados, o que destruiria a idéia de uma violência descontrolada em virtude da dificuldade em se manter o autocontrole, e do afrouxamento da moral que serviria de refreadora de atos de agressividade (ELIAS, 1994). Apesar do real afrouxamento das instâncias de controle e repressão (estado, família e polícia), segundo a citada pesquisa, na maior parte dos casos de homicídios, esses ocorrem por motivos considerados banais, em que a justificativa do ato se dá apenas para a pessoa que mata, e se tratam de crimes premeditados:

As pessoas não matam simplesmente porque seu freio moral é capaz de conter a agressividade dentro dela. Pelo contrário, na grande maioria das vezes, agem de forma pensada, seguindo uma

moral que pouco compreendemos. O que leva alguém a ter a convicção de que matar é a melhor alternativa. (MANSO, 2002:59)

O autor enfatiza nesse estudo a importância de se pesquisar a violência a partir do discurso, dos valores, e na lógica do autor da violência, captando o que falam sobre as vítimas, como estes explicam os assassinatos que cometem, o que pensam sobre si mesmos, como são vistos na comunidade onde vivem, a investigação sobre o ato de matar em si, e também perceber como esses homicídios são praticados, e com que finalidade (de acordo com o discurso do homicida) destacando sob esse respaldo, quais seriam os valores movimentados em sua justificativa.

É pesquisa de Manso é uma prova de como muitos atos de violência devem ser percebidos, talvez, enquanto uma “exacerbação do autocontrole” nas sociedades atuais, e não sua falta, ou crise, seria uma mistura de individualismo e autocontrole deturpados por uma lógica onde os fins justificam os meios numa batalha pela sobrevivência do mais forte, de legitimidade e ilegitimidade depende da interpretação individual de cada ator.

Ao perceber que as principais motivações dos homicídios seriam: pessoais em primeiro lugar e por motivo de “manutenção de negócios” em segundo, Manso colocá-los para refletir sobre “individualismo” e o que podemos chamar de uma “lógica do EU”

... na grande maioria dos homicídios (esclarecidos ou não esclarecidos), o autor age para resolver um problema pessoal, que diz respeito a si próprio e a mais ninguém“(MANSO,2002:61).

Ele se preocupa com o grau de emoção e de racionalidade presente em cada ato (homicídio) e também com os valores que o movimentam essa “outra lógica” que move os homicidas. Segundo afirma “os discursos nos ajudam a entender os valores por trás das ações. A análise das ações mostra a lógica do raciocínio das pessoas que mataram”. (MANSO, 2002:67)

Sua entrevista com os autores dos homicídios (12 no total) o possibilitou perceber a importância do “primeiro assassinato”, ou seja, descobrir que no caso de muitos matadores de aluguel, ou simplesmente assaltantes e assassinos, o ato de matar pela primeira vez “parece ser o passaporte para outra vida, dominada pela insegurança e pelo medo de ser assassinado a qualquer momento”(MANSO, 2002:63). O motor dos assassinatos sem fim, na justificativa dos atores estaria na garantia de sobrevivência, no matar para não ser morto primeiro, numa espécie de neurose constante.

O que não difere tanto assim dos sentimentos experimentados pelos “meninos do tráfico”.

“Você não pode der mole, tem que ficar o tempo todo ligado, alí é complicado, você está sendo testado o tempo todo, tem que ter olhos nas costas, não é só a polícia que quer ferrar você! Tem que ter malícia!É adrenalina o tempo todo!” (fala de um ex-traficante).

Para se compreender esse e outros tipos de violência (que se constituem crimes) se faz fundamental conhecer a lógica que leva ao crime. Na citada pesquisa um dos entrevistados chama o grupo criminoso de família, e afirma que “entrou nessa” por amizade, para ajudar um amigo (MANSO, 2002: 64-65). A lógica que justifica o crime pode não ser compreendida pela maioria das pessoas, mas ela faz todo o sentido para os membros dessa “outra família, uma vez que trata-se de uma “outra sociabilidade”.

Dai a importância de se buscar uma compreensão das motivações, emoções, valores, e lógica de pensamento dos autores, para além de se produzir estatísticas. Pois estas podem ser também perversas no sentido de intensificar a violência, uma vez que são geradoras e promotoras de preconceitos que são assimilados e corroborados pela sociedade.

Quando perguntado sobre porque o envolvimento com o tráfico obtive de um ex-traficante a seguinte justificativa:

Aquilo alí não é um fim, era só a forma de conseguir uma grana, só um trampo como outro qualquer, eu pretendia estudar, fazer um curso, ter uma formação, já tava pensando nisso. O pessoal lá conversa um com o outro, eu tava indo na igreja, conversando com uns camaradas meus, e eles estavam me dando força para pensar nisso. (fala de um ex-traficante).

O ofício do tráfico é invariavelmente uma forma de acender ao consumo, mas nem de longe as motivações dos agentes se resumem a isso. Trata-se de reconhecimento, de amizade, de lealdade, ao mesmo tempo que o dinheiro do tráfico possibilita acesso ao mundo do consumo, ele permite acesso a um mundo de amizades, festas, mulheres, passeios na praia, ostentação de bens, e outras trocas simbólicas que envolvem status, respeito e serviços (guardar armas para colegas, fazer vigília, consignar vapores⁴, e

4 O varejo do tráfico de drogas no município de Vitória envolve geralmente uma hierarquia centralizada num patrão, vários gerentes de boca e outros gerentes menores que também funcionam como vapor em alguns momentos, mas podem consignar a droga a outros traficantes menores que apenas fazem a venda (vapores). Geralmente vapores que ganham reconhecimento e confiança dos “colegas” podem vir a consignar a outros vapores drogas, em virtude de terem um lucro maior com suas vendas e poderem comprar em maior quantidade.

outros serviços).

A violência é legitimada enquanto meio legítimo de satisfação das expectativas dos agentes, sejam essas econômicas, sociais, ou simbólicas (status e reconhecimento). Além de aceitar a todos, o tráfico desenvolve em seu seio mais do que elementos de pertença social, ele oferece elementos de construção de uma subjetividade cada vez mais próxima daquela que é possível nos ambientes da classe média e alta: mulheres, festas, roupas de marca, ostentação e a garantia de possibilidade de sucesso pessoal.

[a violência] ela não é um simples mecanismo psicológico, mas o resultado de uma tensão entre as expectativas do ator, e aquilo que ele acede, tensão tanto mais suportável na medida em que é estimulada por um individualismo que não encontra os meios de se realizar, e pelo espetáculo de um mundo globalizado que se torna inacessível ou que o rejeita (WEVIORKA, 1997:34)

O tráfico é assim um trabalho, uma profissão. As responsabilidades com o ofício advêm dos valores do mundo do trabalho e em virtude das rígidas regras desse mundo. A diferença no caso desse “ofício” é o fato de não pedir qualificação nos moldes formais (instrução acadêmica, experiência profissional, ou diploma), requer apenas um talento que seria inato, ou poderia ser desenvolvido em virtude da força de vontade da pessoa que se propõe a esse ofício.

Aqui, o valor das amizades também é tido como algo quase sagrado, os “colegas de profissão”, são sempre pessoas boas, honestas, amigas, o que por vezes vem a negar o mito do “ninguém pode confiar em ninguém” que é declarado noutras falas. Aqui esse sentimento é sempre contraditório, se os amigos são sempre confiáveis no discurso, o “mundo” do tráfico é sempre perigoso e arriscado:

Ali você tem que estar sempre atento, tem um monte querendo puxar seu tapete, tem que ser esperto senão você roda mesmo! Tem que ter malícia, Na moral mesmo! Tem que ficar de olho aberto! (fala de um traficante).

Aquilo não é pra qualquer um não! Você tem que dar o sangue mesmo, se dedicar, cumprir horário, ter responsabilidade, não pode dar mole! É um trabalho como outro qualquer e muito mais sofrido. É um dinheiro ganho com muito suor. (fala de um traficante que ainda atuava).

O trabalho que enobrece, o trabalho que é “esforço físico”, quase uma tortura do corpo, está presente na construção do ideal de “ofício” na percepção dos traficantes. É perceptível mesmo um sentido de “nobreza” e “sacrifício” no que fazem. A religiosidade

também é uma frequente:

Traficante que não acredita em Deus tá morto! Até pode ter uns camaradas psicopatas que não acreditam em Deus, mas geralmente não duram por lá. Se você não tiver Deus com você, tá perdido! Tem que ter alguém te protegendo, tem que ter fé! (fala de um ex- traficante).

Quando perguntados sobre o “porque” do trafico as justificativas giram entorno da legitimação da atividade enquanto algo que não faria mal a ninguém diretamente:

Pô, não tô roubando, não tô matando, só tô lá vendendo, compra quem quer, se não for na minha mão vai ser na mão de outro. Eu não obrigo ninguém a comprar. Quando eu vejo que o cara tá lá, e tem família, pô torra a grana com a merda, eu falo, dou conselho, tento ajudar e muitas vezes os caras pensam, refletem, acho que eu consigo fazer bem pra um monte de cara. Eu sei que tem cara lá que quer que eles entreguem tudo, só quer saber de vender e tá pouco se fudendo pro cara! Mas eu não, eu faço diferente lá e sei que muita gente observa e já está mudando sua forma de lidar, sei que tem gente que vê o que eu faço e pensa, pô, ele é bacana, ele tá certo, e aí ajudam também, não ficam só na grana!

É muito comum a referência a uma moral pessoal que remete a um ideal de salvação, ajuda do outro ou simplesmente aceitação do próximo. A “comunidade se ajuda” e dessa forma, a união da “família do tráfico” ocorre em oposição ao mundo de competição, e guerra da sociedade em geral e do mercado de trabalho legal.

É diferente lá, existe humildade, um ajuda o outro, todo mundo lá é irmão, tem essa de ser melhor que o outro não. O cara que ganha status, ganha na humildade, é reconhecido pelo o que faz, é uma cara responsa, sabe, não é fura olho não, porque fura olho lá não dura!

Dessa forma, o espaço da sociabilidade do tráfico é percebido como mais dotado de valor tradicional do mundo do trabalho do que o mercado de trabalho formal. A “lealdade” e a “sinceridade” estão presentes em oposição a “competição” e “falsidade” do mercado atual. Embora a existência da “competição” não seja negada, esta não pressupõe a “aniquilação” do outro, ou meios ilícitos de disputa, pois estes são castigados com a vida.

O cara que faz merda lá, desaparece! Se você sacaneia alguém, pode ter certeza que se o pessoal descobrir já era, some! Teve um cara lá que, tipo, traiu um amigo lá! Ficou com a mulher dele, o cara era até gente boa, mas pô, pegar mulher do outro, não pode não! Então, nunca mais vi o cara! (fala de um ex-traficante)

As regras de conduta são rígidas, traição conjugal é um crime pago com morte, e especificamente no caso dos homens. As mulheres que traem não costumam morrer, geralmente são surradas, ou recebem sanções de seus “maridos”, mas não pagam com a

vida a traição.

A mulher, bem, o cara pode dar uma surra nela, pois foi safada, mas não mata não. Ele dá um castigo pra ele aprender, mas o cara já era, se pegar mulhê dos outros, fudeu! (fala de um ex-trafficante)

O mundo do tráfico exerce a cada dia mais atração entre as mulheres. Dominados por homens, essas começam a ganhar destaque, passando em alguns casos a assumir a gerencia das bocas no caso de terem seus maridos mortos ou presos. Muitas mulheres gozam de grande status no grupo, e por isso, ganham prestígio sendo respeitadas e mesmo protegidas.

O mercado de mulheres nesses ambientes é vasto. É sempre presente na fala dos entrevistados a garantia de ter “mulheres” e “honras”:

Porra, lá eu tinha muita mulher, a mulher que eu quisesse eu tinha, a sério! E tem muita mulhê lá! Eu então, era mô camarada lá, o pessoal me respeitava, tava na boa, as vezes tinha um monte de cara dando idéia na garota e ela tava na minha, eu ficava com ela mas tava tudo na paz! Pô a galera falava “se não dá mole, hem cara”, mas tava na paz eu era brother! (fala de um ex-trafficante).

Tava sempre em festa, tinha um monte de camarada, tinha status, e tinha respeito. Demora muito para se conquistar isso e eu conquistei! (fala de um ex-trafficante)

Durante a realização dessa pesquisa, foi feita uma coleta de notícias veiculadas nos jornais A Gazeta e a Tribuna (de maior circulação no Estado) com vista na visualização de como a mídia vem tratando os casos relacionados ao trafico de drogas, principalmente aqueles que envolvem menores e mulheres – restritos ao município de Vitória. Também foi feita uma breve varredura dos jornais online gazetaonline e folhavitoria, bem como no site da Justiça Federal, focando casos de trafico de drogas registrados especificamente no município de Vitória (Anexo 1) .

Uma matéria em Especial, publicada no Jornal a Tribuna do dia 03 de maio de 2020, numa Reportagem Especial chamou atenção para as “meninas” do tráfico, cada vez mais jovens, entre 12 e 17 anos, que se envolveriam no tráfico namorando traficantes e ficariam responsáveis por assumir a venda, quando seus namorados estão presos ou afastados, também se responsabilizaria por compras de armas, e seriam respeitadas e temidas em seus bairros.

A matéria atenta para o “prestígio” que estas garotas alcançariam em suas comunidades

como um dos atrativos para o mundo do crime. Foram citados casos como meninas entre 14 e 17 anos que assaltam lojas, salões de beleza e que exercem funções como as de:

- 1 -Gerente: fazendo cálculos e cuidado da contabilidade do tráfico;
- 2 – Olheiras: observado o movimento no morro/ e ou proximo às bocas, passando a informação aos traficantes;
- 3 – Vapor: atuando no comercio direto da droga;
- 4 – Mula: efetuando o transporte de entorpecentes em partes íntimas, mochilas, e entre Estados (vigando por rodoviárias);
- 5 – Depósito: Guardando armas, drogas e dinheiro em casa, para proteger seus namorados traficantes. (Fonte: Jornal A Gazeta, dia 03 de maio de 2010).

Entre as leis citada na referida reportagem, que contribuiriam para uma situação privilegiada e de status social em suas comunidades, por parte das garotas que namoram gerentes do tráfico, estão: a proibição de se envolver com a mulher do gerente do tráfico (sob pena de morte para quem a infringir); o direito de ser escoltada por um “soldado do tráfico” para ir a Shoppings, escolas entre outros locais, ou mesmo ser vigiada em casa; direito de poder sobre os funcionários das bocas de fumo, sendo por estes respeitada (os funcionários lhe devem obediência), ainda, no caso da ausência do gerente do Tráfico, suas “esposas” poderiam assumir o comando do trafico em seu lugar, ditando as regras a serem seguidas pelos funcionários do trafico e pela comunidade.

Essas matéria evidenciam a atração que este mundo exerce nas mulheres, e principalmente nas mais jovens. A sexualidade é aflorada precocemente nesse meio, e meninas de 13, 14 e 15 anos se envolvem com traficantes de 22, e até 30 anos, ganhando reconhecimento, popularidade, proteção e bens materiais.

Eu enchi ela de presentes, pulseira, tornozeleira de prata, só coisa boa mesmo! Pô, a gente saía, ia para festas, eu bancava tudo, comigo não tem essa de mulher bancar nada não! Tá comigo tem tudo!(fala de um traficante)

A inserção nesse mundo também abre portas para o acesso a drogas, em especial a cocaína e o crack. Muitas meninas se tornam viciadas nessas drogas e se envolvem com os traficantes para terem acesso às mesmas.

Teve uma noite que eu gastei uns 300 paus com cocaína, a mulherada veio louco pra cima de mim! É só botar o pó na mesa que elas fazem o que você e quiser, nem precisa pedir! Esse dia foi

sinistro! Fiquei malzão, mesmo! Fiquei ruim, devo ter cheirado pra caralho! Estavámos em uns cinco e cheiramos 300 paus de cocaína, daí você tira! Só não uso crack, porque isso é a morte, é uma merda, tem uns camaradas lá que tão só o lixo! Crack é o fundo do poço! (fala de um traficante)

Entre outras matérias, ficou evidente o privilégio que possuem as notícias de apreensões de grande quantidades de drogas e casos em que famílias estavam envolvidas no tráfico (Anexo 2). Muitas dessas matérias, eram veiculadas nos jornais mais de uma vez, algumas três dias seguidos, de forma a completar os espaços nos jornais, mesmo que diminuíssem de tamanho ao longo dos dias. Essa evidencia demonstrou o quanto a mídia jornalística contribui para a sensação de insegurança da população, e para a percepção da amplitude do tráfico de drogas, com destaque para o envolvimento de funcionários da Policia Rodoviária Federal (Anexo 2 – matéria Jornal A Gazeta dia 18 de maio de 2010), de motoboys (Anexo 2 – matéria do jornal A gazeta de 19 de maio de 2010) evidenciando o grau de organização, profissionalização (e porque não dizer terceirização) e sistematização das atividades do tráfico, e também participação da PM no tráfico (anexo 2 – matéria do jornal a Tribuna do dia 24 de Abril de 2010).

Com relação a especialização e criatividade do Tráfico, podemos destacar ainda a reportagem do Jornal a Tribuna do dia 01 de maio, que denunciava o que denominaram ser um “Disque-drogas” elaborados por dois jovens (de 24 e 25 anos), amigos de infância e moradores de Jardim Camburi, que efetuavam o serviço de entrega de drogas em residências e motéis, possuindo uma vasta lista de clientes de classe média e alta de Vitória (Anexo 2). O referido esquema garantia lucro de cerca de 100 mil reais por mês para a dupla, que havia transformado seu apartamento em laboratório de refino de cocaína e também transformação de crack em cocaína.

Entre as matérias veiculadas no mês de maio, estão também:

1 – Uma matéria que se refere a dificuldades dos agentes de combate a Dengue da Prefeitura Municipal de Vitória em estar realizando suas visitas às residências, tendo sido dois agentes alvejados a tiros no Morro São José na Praia do Suá (Anexo 2 – matéria do jornal a Tribuna do dia 14 de maio de 2010)

2 – A apreensão de maconha, crack, uma pistola 765 e uma moto Honda com uma quadrilha formada por 10 pessoas, sendo 6 mulheres e o filho adolescente de uma delas, que receberiam droga via rodoviária de Vitória (Anexo 2 – matéria do Jornal A Gazeta de 17 de maio de 2010).

3 – Adolescentes com idade entre 14 e 17 anos detidos por vender drogas na frente de escolas Municipais em Vitória (Anexo 2 – matéria do Jornal a Tribuna do dia 06 de maio de 2010).

Embora estes sejam apenas alguns exemplos, limitados às apreensões no município de Vitória, embora muitos dos traficantes citados possuam atuação em toda a Grande Vitória, vale destacar que cerca de 60% das notícias veiculadas nesses jornais estavam relacionadas com o tráfico, e em todos os jornais analisados durante todos os dias, foi encontrado notícia que relacionava menores de 18 anos com atividades ilícitas, ou casos de homicídios. Através de uma catalogação das matérias relacionadas ao tráfico de drogas que resultavam em flagrantes, prisões, homicídios ou simplesmente matérias jornalísticas entre a última semana do mês de abril e a primeira semana do mês de junho, tivemos uma média de 2, 5 notícias por dia, relacionadas ao tráfico somente no município de Vitória, sem contabilizar as matérias que se referiam a Serra, Cariacica, Vila Velha e outros municípios do Estado.

Isso deixa claro a quantidade de material jornalístico veiculando apenas notícias sobre o tráfico de drogas, independente dos locais das apreensões, homicídios e outros fatos destacados nas páginas dos jornais que todos os dias são lidos nas casa e nos escritórios dos capixabas todas as manhãs.

Tabela 1 – Acompanhamento das matérias de jornais sobre tráfico no município de Vitória (24 de abril a 07 de junho de 2010)

DATA	MATERIA	BAIRRO	SEXO	IDADE
24/04/10	Acusados de aliciar crianças para tráfico em bairros nobres	Praia do Canto e Praia do Suá	-	-
24/04/10	Quatro Pms acusados de comandar assassinatos	Maruípe	-	-
26/04/10	Jovem é assassinado ao sair de pagode	Santo Antônio	Masc	18
26/04/10	Viciado pede socorro à polícia	Maria Ortiz	Masc	36
26/04/10	Tráfico cobra pedágio à Travestis	Praia de Camburi	-	-
27/04/10	Tiroteio e morte em Morro no centro	Morro da Capixaba – Centro	Masc	15/23
27/04/10	Chefão do tráfico morreu por namorar mulher de amigo	Resistência	Masc	17/18/21/24
01/05/10	Disque-Drogas em prédio de Jardim Camburi	Jardim camburi	Masc	24/ 25
03/05/10	Criança é baleada nas costas durante tiroteio	Inhangetá	Masc	6
03/05/10	Elas mandam no tráfico e têm armas	-	Fem	12 a 17
06/05/10	Policiais criam milícias e chefiam 11 empresas	-	-	-
06/05/10	Presos por tráfico na porta de escola	Itararé	Masc	14-17
08/05/10	Mulher de PM sofre ameaças de traficantes no trabalho	Alagoano	Fem	37
08/05/10	Traficante joga 523 papelotes de cocaína na laje de escola	Itararé	-	-
08/05/10	Descoberta cocaína em Xampu	-	-	-
10/05/10	Bandidos de carro executam jovem na esquina de casa	Maria Ortiz	Masc	28
10/05/10	Violência ao som de Baile Funk em 10 praças da Grande Vitória	Grande São Pedro	-	-
12/05/10	Acusado confessa que matou jovem	Tabuazeiro	Masc	23
12/05/10	PM atira e gangue de Inhanguetá é presa	Inhanguetá	Masc	18/19/22/23
14/05/10	Agentes de combate à dengue são expulsos a tiros	Morro São José -Praia do Suá	Masc	27/37
15/05/10	Adolescentes são feridos por tiro em São José	Morro São José – Praia do Suá	Masc/ Fem	15/17
17/05/10	Turista é roubada na Enseada do Suá	-	Masc	-
17/05/10	Quadrilha presa com 17 kg de maconha	Vila Rubin	-	-
19/05/10	Mecânico rouba carro de luxo para comprar 10 pedras de crack	Morro Santa helena	Masc	21
19/05/10	Tráfico contrata motoboys para fazer entregas de drogas	-	-	-
19/05/10	Disque drogas vira rotina no Estado	Maria ortiz	Masc/Fem	27/23
19/05/10	Preso até se não souber da droga	-	-	-
20/05/10	Prédios desocupados viram pontos para uso de drogas	Goiabeiras	-	-
21/05/10	Dona de casa é presa por tráfico	Caratoira	Fem	50
27/05/10	Tráfico atrasa serviço da prefeitura no Morro do Cabral	Morro do cabral	-	-
28/05/10	Taxista é preso por tráfico de drogas	São pedro	Masc	26
28/05/10	Técnico preso com rádios para vender a traficantes	Santa Lúcia	Masc	36
02/06/10	Casal preso com cocaína	Morro São Benedito (Bairro da Penha)	Masc/Fem	28/18
03/06/10	Estudante é presa com drogas em taxi no Bairro da Penha	Bairro da Penha	Fem	18
03/06/10	Dupla é presa com drogas na Praia do Suá	Praia do Suá	Masc	-
07/06/10	Rapaz flagrado vendendo crack	Ilha de Monte Belo	Masc	17
FONTE: Pesquisa realizada nos jornais A Gazeta e a Tribuna		Período: 24/04 a 07/06		

Em especial no ano de 2010, até o mês de abril, segundo fala do Secretário de Segurança e Defesa Social do Estado do Espírito Santo, Estado já registrava mais de 500 homicídios⁵. Para além da mídia, os gestores públicos também estão conscientes do grau

5 Fala do Secretário de Segurança e Defesa Social do Estado do Espírito Santo; André Garcia, no 1º Encontro Capixaba com o tema: O papel dos Municípios na Segurança Pública, realizado dia 01 de Junho de 2010, na Universidade Federal do Espírito Santo sob a coordenação NEVI – Núcleo de

de envolvimento de jovens e crianças com o tráfico. Mesmo que a maioria dessas mortes sejam resultante de violência doméstica e motivos pessoais como vingança, ciúmes e outros. Segundo estatísticas do NUPREVI (Núcleo de Prevenção da Violência e promoção da Saúde – Dados do banco de dados Sistema Integrado de Monitoramento de Mortalidade por Causas Externas - SIMONE), cedidos pela Secretaria Municipal de Saúde, Gerencia de Vigilância em Saúde do Município de Vitória. Foram registrados no Município de Vitória 527 mortes (De 2003 a 2008) de jovens entre 13 e 29 anos, mas entre as causas, embora seja notável o número de mortes por acidentes de trânsito, sendo estes, no total, 32 casos (envolvendo carros, motos e outros veículos), a grande dos fatos violentos que levaram as vítimas a óbito, dizem respeito a causa da morte “projétil de arma de fogo”, ou seja, morte por ferimento a bala, totalizando 410 casos do total de 527.

Esses dados demonstram que embora estejamos perdendo muitos jovens por acidentes de trânsito, em especial moto (24 casos), esse percentual nem sequer se aproxima dos óbitos ocasionados por armas de fogo, em geral relacionados com atividades ilícitas, já que essas armas, na maioria dos casos, já se encontram irregulares.

Embora os dados apresentados se refiram apenas à Declaração de Óbito (DO) e não especifique o motivo das mortes, apenas a causa oficial, podemos, sem medo de cometermos pecado, relacionar essas mortes a atividade do tráfico, de roubos e mesmo à ação repressiva do Estado, sem deixar de assinalar também, as mortes passionais e por vingança (em menor expressividade para essa análise).

Tabela 2 – Mortalidade de Jovens no Município da Grande Vitória por Forma de

Violência

Contar de Forma de Violência	FAIXA ETARIA			Total Geral
	15 a 17	18 a 25	26 a 29	
AÇÃO CONTUNDENTE	0	0	1	1
ACIDENTE DE MOTO	0	15	9	24
ACIDENTE DE TRÂNSITO (exceto moto)	0	7	3	10
AFOGAMENTO	1	8	3	12
ATROPELAMENTO	3	5	4	12
CADÁVER PUTREFEITO/ CARBONIZADO/ESQUELET	1	0	0	1
DESMORONAMENTO/DESABAMENTO	0	1	0	1
ENFORCAMENTO	1	0	2	3
ENVENENAMENTO	0	1	1	2
ESMAGAMENTO	0	0	1	1
ESPANCAMENTO	2	5	3	10
ESTRANGULAMENTO	0	4	0	4
FACADAS	1	6	3	10
NÃO ESPECIFICADO	0	4	3	7
NÃO SE APLICA	0	1	1	2
OVERDOSE	0	0	1	1
PEDRADAS	0	0	1	1
PRECIPITAÇÃO DE LUGAR ELEVADO	0	3	3	6
PROJÉTIL DE ARMA DE FOGO	77	249	84	410
QUEDA	2	4	1	7
QUEIMADURA	1	0	0	1
SUFOCAMENTO/ASFIXIA MECÂNICA/ACIDENTAL	1	0	0	1
Total geral	90	313	124	527

Fonte: Núcleo de Prevenção da Violência e Promoção da Saúde [NUPREVI] banco de dados Sistema Integrado de Monitoramento de Mortalidade por Causas Externas [SIMONE]- (HISTORICO)

Além das sérias questões que evidenciam as mortes violentas de jovens entre 13 e 29 anos da cidade de Vitória, o numero de casos de mortes por projétil de arma de fogo, trás um importante dado que diz respeito ao ato ilícito de compra e venda de armas de fogo no Brasil, questão essa não mais muito discutida desde o último Referendo Popular sobre armas de fogo (2005).

Um outro fato que nos chama atenção e corrobora a tese aqui defendida sobre a “juvenização” dos jovens envolvidos com o tráfico de drogas, diz respeito ao numero de caso concentrados na faixa etária dos 18 aos 25 anos (249 mortes por armas de fogo) e de 13 aos 17 (77 mortes por arma de fogo), quantidade expressiva se comparada ao número total de mortes por acidentes de trânsito considerando toda a faixa etária observada (34 acidentes no total).

Ou seja, o numero de mortes por projétil de arma de fogo considerando apenas a faixa

etária dos 13 aos 17 anos, supera o dobro das mortes por acidentes de trânsito considerando todas as faixas etárias (dos 13 aos 29 anos).

Para além dos dados apresentados, temos as falas dos próprios jovens, que evidenciam os perigos desse mundo, ao mesmo tempo que destacam suas ligações afetivas com a atividade:

“Tem que ter olho nas costas, não pode dar mole, tem que ser responsa!” (fala de um ex-traficante)

“Posso morrer, sei que posso morrer num tiroteio com os caras, posso morrer e prefiro morrer do que ser pego!”. (fala de um traficante)

“Essa é a vida que eu quero, eu me sinto bem, se não puder fazer o que eu quero eu me sinto um merda!” (Fala de um ex-traficante)

“Porra, lá eu tenho um monte de mulhê, tenho amigos, tenho status, sabe, sou alguém e posso desenvolver lá [...] foi difícil conquistar o respeito, conquistar um lugar, mas perder isso é muito fácil, qualquer merda que eu fizer!”(fala de um traficante)

“Não quero fazer outra coisa, penso em estudar, em fazer um curso superior, talvez arrumar um trabalho legal, mas não vou deixar aquilo lá! *Vou continuar no meio fazendo o que eu gosto!*” (fala de um traficante)

As falas dos traficantes e ex-traficantes são sempre repletas de conflitos, entre um mundo onde tudo podem e um mundo que desejam fazer parte. O mundo do tráfico é aqui, o mundo dos possíveis dentro de um mundo impossível, mesmo que o desejo mais profundo desses jovens seja um dia fazer parte desse mundo impossível, possuindo possibilidades de reconhecimento por parte da sociedade em geral. O tráfico é o mundo possível onde gozam de reconhecimento, de capacidade de superação, de status social, e onde podem trocar prestígio por mulheres, medo por respeito e amizade por serviços diversos. Ao mesmo tempo em que todos precisam estar sempre atentos, todos também são amigos, se ajudam e ajudam a comunidade.

Encontramos também nas falas dos traficantes um ideal de “Robin Hood”; onde a atividade do tráfico seria benéfica e mesmo necessária para a comunidade em seu entorno:

“A comunidade estaria muito pior se o pessoal não tivesse lá. Eles ajudam a comunidade, eles movimentam o comércio, fazem festas, eles trazem muita coisa boa. A gente protege o pessoal também, pois ladrão que rouba lá não faz isso amis de uma vez. Se eu ficar sabendo de moleque

que rouba em Jardim da Penha e se esconde lá, eu mesmo junto a galera e dou um pau nele, nunca mais ele volta. Uma vez uns pivetes fizeram isso, nos corremos atrás deles (risadas) eles correram que você não tem noção, não sei como, os meninos voaram (risadas), mas levaram um susto que nunca mais deram as caras por lá. Se cair na nossa mão por roubar no bairro então, já era! (fala de um traficante).

A atividade do tráfico é percebida como sendo uma atividade econômica qualquer, que traria benefícios diversos para a comunidade, como livrá-la de perigos dos estranhos ou “marginais” de outras comunidades, promover festividades e condições de comércio local, proteger os comerciantes locais, e mesmo a comunidade como um todo.

As festas e o comércio de bares, e barracas que funcionam a noite, são praticamente sustentadas pela movimentação do tráfico de drogas em alguns locais, como é o caso de Santa Marta, Andorinhas e Jesus de Nazareth.

Nesse sentido, a atividade se torna não um mal mas sim necessária e desejável, e embora essa não seja a opinião da grande maioria dos moradores, é muito comum a defesa da atividade.

“Os meninos não fazem mal a ninguém, até protegem, não mexem com ninguém, minha menina chega de noite e eles ficam de olho, até ela chegar em casa, dão uma proteção pra ela, e são super educados, me chamam de senhora....” (Moradora de Jesus de Nazareth)

“Se tem um problema com alguém é só chamar os meninos lá de cima (Traficantes) que eles resolvem, se um cara tá batendo na esposa, tipo espancando a mulher sem motivo os meninos dão um aviso pra ele, se fizer de novo e alguém contar, eles dão um jeito nele!” (Moradora de Jesus de Nazareth)

“Aqui tem perigo não, pode andar a noite que os meninos ficam de olho, se precisar de dão escolta até em casa, tem bandido aqui não!” (morador de Santa Marta)

“Se o menino é difícil, se faz muita bagunça, se bate nos outros, é só chamar os meninos e eles dão um jeito, assalto aqui não tem não, mas você não pode dar mole, deixar nada no quintal, na janela, porque tem os viciados que levam mesmo para trocar por droga, isso é que é terrível!” (Moradora de Jesus de Nazareth)

Entretanto, para pessoas que não moram no bairro é comum criminalizar o local, e entre os policiais também é rotineiro delegarem a culpa por assaltos ocorridos em Jardim da Penha (bairro nobre de Vitória) a moradores de Andorinhas e Santa Martha.

Pessoalmente, vivi uma experiência a qual jamais esqueci. Quando ia a um supermercado em Jardim da Penha com uma amiga, fomos abordadas por três rapazes,

aparentando terem entre 16 e 21 anos aproximadamente. Altos, com roupas de marca, e vestidos de forma bastante colorida e ostentatória. Eles anunciaram um assalto e quando cercaram a minha amiga para roubar-lhe o celular, eu gritei e chamei a atenção de pessoas que passavam no local, uma vez que não havia visto arma e tinha medo de machucasse minha amiga. Assustados os três correram e dois minutos depois encontramos uma viatura que passava no local.

Contamos o ocorrido aos policiais que nos colocaram dentro da viatura, com coletes e circularam toda a área em busca dos assaltantes. Próximo a Santa Lúcia (depois de andorinhas e antes da Praia do Canto, bairro nobre também) deram batida num jovem que se encontrava num bar, por ter as mesmas características dos jovens descritos por nos: “negros, altos e magros, usando tênis de marca, casaco de malha e bonês”. Mesmo após afirmamos não ter certeza, pois a rua estava escura e não pudemos ver bem as feições de nenhum dos três, os policiais insistiram na busca até proximidades de Andorinhas e falaram “Eles fugiram para Andorinhas, sempre fazem isso, roubam aqui e fogem para se esconder lá, essas pragas são de lá!”, “tudo bandido de lá! Eles roubam aqui (Jardim da Penha) e vão correndo, atravessam a ponte e já era, ninguém pega mais! Passamos na Praia do Canto e uma mulher tinha sido assaltada, descreveu os mesmos, deve ter sido quem assaltou vocês também, eles vieram de lá, mas agora já foram embora!”.

Naquela ocasião nem parei para processar a criminalização de jovens negros moradores desses bairros, por acaso os nossos assaltantes eram jovens e negros, mas isso não torna certo o fato de serem moradores de Andorinhas ou qualquer bairro de subúrbio próximo, muito menos de morros da proximidade. No entanto, no ideário dos policiais que costumavam fazer a ronda nos bairros nobres de Vitória, em especial Jardim da Penha e Praia do Canto, “com certeza” eram moradores desses bairros, como muitos que levam batidas policiais quando senhoras de bairros nobres e jovens que frequentam a “Rua da Lama” (point dos Universitários), no meu caso e no de minha amiga, são assaltadas.

A certeza da culpa, faz de jovens negros moradores de bairros humildes, sempre culpados. Culpados pela violência, pelo tráfico, pelos filhos da classe média estarem se drogando, e pelo fato de existirem crianças de rua. Todos os males sociais que incomodam a classe média e alta são culpa dos “pobres”, podemos dizer hoje, com base nas matérias de jornais e mesmo na atenção dada a questão do tráfico hoje, que a culpa de todos os males atuais são dos “traficantes, jovens e negros em sua maioria”, uma vez

que o branco é sempre usuário, apenas deu azar de estar comprando naquela hora (da batida), ou comprou demais para levar para a balada, mas tudo acaba se explicando no final.

Não é preciso se traçar toda uma explicação psicanalítica para compreender as motivações conscientes e inconscientes que levam cada jovem a se envolver na atividade do tráfico de drogas, alguns considerações a esse respeito nos saltam aos olhos: como a vontade de poder, a necessidade de auto-afirmação perante um grupo, e por que não dizer a ansiedade gritante por reconhecimento, por cidadania, por possibilidade de auto realização, bem como uma percepção clara e concreta da impunidade e da “perseguição policial”.

O policial nunca é o mal sempre esta “fazendo o trabalho dele”, mas é comum associarem a ação policial ao preconceito e ao fato de morarem ou frequentarem uma comunidade carente, bem como conhecerem muito bem o envolvimento policial na atividade:

“Os caras que vêem pra pegar a gente, pô, tão fazendo o trabalho deles, é isso mesmo, mas eles não querem nem saber, pode ser trabalhador, pode ser um jovem responsa, que estuda, que trabalha, todo certo na vida, que leva tranco do mesmo jeito. Só porque é pobre, mora na favela, é negro, os caras acham que é tudo igual, não é gente!”. (fala de um ex-traficante);

“E não é todo policial que tá na responsa não! Os caras que tão fazendo o trabalho, pô, tão na boa, mas tem muito policial que fode a gente pra ganhar o dele, e ai quando pega umas 15 pedras pões lá que foi 8, enfim, as coisas não são como aparecem, não!” (fala de um traficante);

“traficante não é bandido, não tá matando, não tá roubando, tá la vendendo, o cara compra porque quer, e se não comprar com ele compra com o outro, poxa, é um trabalho aê, como qualquer trabalho, o carra urra a noite toda, ganha o dele com sangue,suor e sangue!(fala de um traficante).

O tráfico é um trabalho que não vê cor, não vê raça e não vê classe social, exige a adesão a um rígido padrão de conduta, proporciona uma outra socialização em oposição à sociedade em geral, e pede lealdade mortal. Mas aceita qualquer um, e principalmente os excluídos, os destituídos, aqueles que são vítimas de diversas formas de violência social por serem economicamente desfavorecidos, por pertencerem a uma parcela da sociedade de sofre preconceito racial (negros, índios geralmente) ou simplesmente por terem nascido em famílias que se diferenciavam em muito de um ideal de família presente nas novelas, filmes, e nas cartilhas dos Programas de Governo e de Políticas Públicas.

O tráfico é atrativo por fornecer tudo aquilo que esses jovens não conseguem obter formalmente na sociedade, mulheres, trabalho, amigos, festas, vida social e eventos. Nada diferente da vida dos sonhos de qualquer jovem da classe média, trata-se de uma conquista por vias não legais de reconhecimento e possibilidade de realização. Trata-se de uma saída encontrada para a falta de oportunidade e para a falta de sentido de muitos jovens que se sentem perdidos, sem oportunidade, sem motivação para levarem uma vida dentro das normas, regras e leis sociais vigentes.

Trata-se de uma opção para quem não percebe essa sociedade que considera o tráfico ilegal como legítima, trata-se de uma sociedade à parte que aceita aqueles que normalmente são excluídos do consumo, e da cidadania. Podemos porque não, dizer, que o tráfico trás reconhecimento e realização por meios não legais mais legítimos, uma vez que se apresentam enquanto única forma capaz, e único meio real de realização.

O que é legal e ilegal para esse jovens já se encontra relativizado desde o nascimento, desde quanto aprendem que estão privados de diversos bens de consumo, desde quanto experimentam a dificuldade de acesso a serviços públicos e experimentam na pele e na vida as desigualdades sociais. Essa relativização se aprofunda quanto conhecem e reproduzem um estigma social da qual são vítimas e também co-fundadores, e se agrava na sensação de impunidade, injustiça social e exploração do trabalho sentida por todas as parcelas da sociedade, sejam pobres, classe média, ricas ou miseráveis!

Longe de buscar explicações para a adesão dos jovens e crianças ao mundo do tráfico, procurei aqui destacar um fenômeno multifacetado, complexo, e ao mesmo tempo gritante, que se faz presente não só em nosso Estado, ou nosso país, mas sim, em todo o mundo, e em especial nos países em desenvolvimento, ou melhor, em profunda desigualdade social.

Este artigo foi produzido num curto espaço de tempo, mas condensa observações e reflexões que têm me acompanhado nos últimos dois anos, e embora seus dados aqui sejam preliminares e as entrevistas tenham sido feitas informalmente e com um número reduzido de entrevistados, a análise das falas dos entrevistados, bem como as reflexões sugeridas a partir do acompanhamento das matérias de jornais e dos índices de homicídios apontam para muitos lados e trazem diversas oportunidades de investigação que pretendo desbravar com mais tempo. Sejam discursos da mídia, discursos do poder público na fala de policiais e autoridades, bem como o tempo e volume de exposição das

matérias relacionadas ao tráfico e mesmo a percepção dos moradores dos bairros ricos e de bairros pobres sobre essa atividade bem como suas representações a cerca da figura do traficante a da atividade do tráfico.

Muitas são as possibilidades de investigação, e de reflexão, aqui apenas pincelei pontos mais visíveis, e questões latentes que só necessitam que os indivíduos (sujeitos) sejam colocados em primeiro plano, ou seja, protagonistas, para se fazerem visíveis.

Espero ter suscitado muito mais do que aqui pude escrever, e desejo poder aprofundar tudo que aqui foi exposto, com mais tempo, mais leituras e quem sabe possibilidade de realizar uma pesquisa com volume e qualidade nas informações.

Por enquanto, fica minha singela contribuição, resultado mais que observação do que propriamente pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Antônio Rafael. Prender e dar a fuga: biopolítica, sistema penitenciário e tráfico de drogas no Rio de Janeiro. PPGAS/ MN/ UFRJ. 2005. [tese de Doutorado]. Disponível em: <http://www.necvu.ifcs.ufrj.br/index.asp?ChvMn=39>. Acessado em 17 de maio de 2010.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. Cidade de Muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo, Editora 34/Edusp, 2000.

CARNEIRO, R.(2002). Desenvolvimento em Crise: a Economia Brasileira no Último Quarto do Século XX. São Paulo: Editora Unesp, IE, Unicamp.

COHEN, Philippe. Protéger ou Disparaitre. Paris: Gallimard, 1999.

DOWDNEY, Luke. Crianças do Tráfico. Um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro. In: Crianças do Tráfico. Um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro. Editora 7 Letras, 2003.

FRAGA, Juventude, narcotráfico, e violência no Brasil: para além do rural e do urbano, p. 81-108.2000.

GRILLO, C. C. Fazendo o doze na pista: um estudo de caso do mercado ilegal de drogas na classe média. PPGSA/IFCS [Dissertação de mestrado] 2008. in <http://necvu.tempsite.ws/index.asp?ChvMn=40>. Disponível em 17 de maio de 2010.

LIMA, Roberto Kant de. Direitos Civis, Estado de Direito e “Cultura de Polícia”: A formação Policial em questão. Texto N. 4. NECVU. Rio de Janeiro. Pg. 73-92 . Disponível em: http://necvu.tempsite.ws/arquivos/texto%204%20direitos%20civis%20estado%20de%20di%20reito_roberto%20kant%20de%20lima.pdf. Acesso em 17 de maio de 2010.

MAGALHÃES, Nara. Significados de violência em abordagens da mensagem televisiva. Revista INTERFACE. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan./jun. 2009, p. 318-343. In: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/viewFile/8870/5111>. Acessado em 17 de maio de 2010.

MISSE, M. O Movimento: A constituição e reprodução das redes do mercado informal ilegal de drogas a varejo no Rio de Janeiro e seus efeitos de violência. Drogas e pós-modernidade. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003. In: <http://necvu.tempsite.ws/texto.asp?ChvMn=>. Disponível em 17 de maio de 2010.

MISSE, M. “As ligações perigosas: mercados ilegais, narcotráfico e violência no Rio: in Guilherme Castelo Branco e Luis Felipe Baeta Neves (org.), Michel Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência. Rio de Janeiro e Londrina, Editora Nau e UEL. 1998.

MISSE, Crime e Pobreza: Velhos Enfoques, Novos Problemas. In: Villas-Boas, G. e Gonçalves, M. A. (orgs.), O Brasil na Virada do Século XX. Rio de Janeiro. Editora

Relume-Dumará, 1995.

MISSE, M. "Malandros, marginais e vagabundos. A Acumulação social da violência no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, IUPERJ [tese de Doutorado em Sociologia].1999.

MISSE, M. Entrevista: Polícia mata mais que Guerra. Entrevista concedida ao Site No Mínimo em 21/11/2005.

ROCHÉ, Sebastian. Insécurité et libertés. Paris: Editions du Seuil, 1994.

PERALVA, 2000 Parte 3 – Face ao Risco: Cap. 9 - Risco e modernidade; Cap. 10 - A escolha do crime (A experiência do narcotráfico, Os jovens diante da violência policial, A história de Lúcio, A história de Márcio); Cap. 11 - O sangue dos trens urbanos (Surfe ferroviário, A resposta institucional) e Conclusões, p. 119-187.

SENNETT, Richard. A Cultura do novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SPINK, Mary J. P. Tópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. Rio de Janeiro: Cadernos de Saúde Pública, v.16, n.6, nov./dez. 2001. [on line] Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 30.abr.2003.

TAKEUTI, N. (1993) A Pobreza e a Exclusão Social no Primeiro Mundo, in: Revista Vivência do CCHLA/UFRRN, v. 07, n. 01, dez/1993

TELLES, Vera da Silva. Cidadania e Pobreza. São Paulo: Ed. 34, 2001.

TRINDADE, Alcione Melo e MENEZES, Jaileila de Araújo. Intimidações na Adolescência: expressões da Violência entre pares em uma escola da Rede pública Federal do Recife. UFPE. In: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/547_309.pdf. Acessado em 17 de maio de 2010.

WEVIORKA, Michel. O novo paradigma da violência. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 9(1): 5-41, maio de 1997.

WIEVIORKA, Michel. Em que mundo vivemos? São Paulo: Perspectivas, 2006.

ZANOTELLI, Cláudio; MEDINA, Jorge Lellis. Análise do discurso dos jornais A Gazeta e A Tribuna sobre os homicídios ocorridos no Espírito Santo em janeiro de 2005. In Revista eletrônica Ufes-Cidadã, 23 páginas, n°2, março de 2007. Disponível em : <http://www.proex.ufes.br/nevi/revistas/analisediscursoagazetaatribuna.pdf>.

ZANOTELLI, Claudio e MEDINA, Jorge L.B. Análise dos discursos sobre a criminalidade e a delinqüência nos jornais A Gazeta, Notícia Agora e A Tribuna e seus efeitos sobre a política de segurança e a percepção social de (in)segurança. Relatório de pesquisa inédito realizado para a Secretaria de Segurança Urbana da Prefeitura Municipal de Vitória, 2008

ANEXO 1

FONTE: Jorna online – Gazeta Online (www.gazetaonline.com.br)

**Polícia prende traficantes em Vitória, Vila Velha e Serra
24/05/2010 - 17h46 (Redação Multimídia - gazeta online)**

foto: Divulgação/PC

Foram presos Willian da Silva Leonor, Elildes Falcão de Melo, Vanderléia de Jesus Franco, Rafael Siqueira Ramos e Diraldo Ferreira Chagas

A Polícia Civil prendeu traficantes e estourou laboratórios de drogas na manhã desta segunda-feira (24) em Vila Velha, Vitória e Serra. Maconha, cocaína, armas e munições foram apreendidas além de material para o embalo de entorpecentes. Entre os detidos há um casal de namorados. A operação da polícia teve grande colaboração de registros realizados por meio do disque-denúncia.

Vila Velha

Segundo o titular da delegacia de tóxicos e entorpecentes (Deten), Diego Yamaschita, no bairro Itapoã, Vila Velha, a polícia prendeu Willian da Silva Leonor, 19. Ele foi detido em casa. No imóvel do acusado foram apreendidos 20g de maconha, 40g de cocaína e um revólver calibre 38 com 4 munições intactas. Willian da Silva confessou a propriedade das drogas e da arma. Ele vendia os entorpecentes em festas no município. A droga era misturada com crack e outros produtos químicos.

Vitória

No Morro São Benedito, em Vitória, a polícia prendeu Rafael Siqueira Ramos, 21. De acordo com o delegado, Ele é apontado pela polícia como um dos chefes do tráfico de drogas do bairro. O jovem foi detido enquanto saía de casa ainda pela manhã. No imóvel a polícia encontrou uma jovem com a qual o detido havia acabado de manter relação sexual.

Na casa os policiais apreenderam quatro papelotes de cocaína e várias embalagens vazias com restos de pasta-base da droga, além de farto material para embalo. O detido já possuía passagem pela polícia por porte de arma de fogo e quando menor já foi apreendido acusado de tráfico de drogas.

Serra

No bairro André Carloni, a polícia prendeu um instrutor de auto escola. Ele e a namorada estavam realizando intenso tráfico de drogas no bairro, segundo a polícia. Durante as investigações, a informação inicial dava conta de que o homem trabalhava como instrutor

de uma auto escola e utilizava o veículo caracterizado para tentar desviar a atenção dos policiais. A polícia identificou a casa do casal e pela manhã prendeu Vanderléia de Jesus Franco, 21, que estava dormindo.

Na casa, a polícia apreendeu uma porção grande de cocaína com peso de 50g, quatro cargas de papelotes grandes de cocaína com 10 papelotes em cada uma, balança de precisão e material para embalagem da droga. Tudo estava escondido em um armário do banheiro, de acordo com a polícia.

Na sequência, a polícia ligou para o companheiro dela e também investigado, Diraldo Ferreira Chagas, 40, com a desculpa de que precisava entregar a ele alguns documentos. O instrutor de auto escola acreditou e foi preso nas proximidades de um shopping center de Jardim Camburi, em Vitória.

Ainda na Serra, no bairro Carapebus, a polícia prendeu Eliides Falcão de Melo, 31, portando um revólver calibre 38 com seis munições. Ele já tem passagem pela polícia e será investigado por envolvimento com o tráfico de drogas e homicídios na Serra.

Denúncias

O delegado Diego Yamaschita, falou ainda sobre a participação de traficantes em assassinatos. "A gente começou a semana dando ênfase ao combate de pequenos traficantes que são os grandes responsáveis pelos homicídios na Grande Vitória. Para isso a gente conta com o auxílio de grande valia do disque-denúncia", destacou o delegado sobre a Operação na região Metropolitana. Todos os acusados foram autuados na Deten da Serra onde aguardam vagas no sistema prisional do Estado.

FONTE: Jornal online ES HOJE – WWW.ESHOJE.COM.BR

02 de Março de 2010

Tráfico de drogas

PM prende chefe do tráfico de drogas no Morro do Quadro, em Vitória
A Polícia Militar do Espírito Santo (PMES) prendeu, na tarde desta segunda-feira (01), o chefe do tráfico de drogas do Morro do Quadro, em Vitória. A abordagem a G.R.M, 24 anos, foi possível após levantamentos de informações do Serviço Reservado do 1º Batalhão da PM, responsável pelo trabalho de policiamento na capital capixaba.

Por Redação Multimídia ES Hoje.

A Polícia Militar do Espírito Santo (PMES) prendeu, na tarde desta segunda-feira (01), o chefe do tráfico de drogas do Morro do Quadro, em Vitória. A abordagem a G.R.M, 24 anos, foi possível após levantamentos de informações do Serviço Reservado do 1º Batalhão da PM, responsável pelo trabalho de policiamento na capital capixaba.

Por meio de um mandado de busca e apreensão, os militares detiveram o acusado, que há algum tempo estava sendo procurado pela polícia. Com ele, foi encontrado aproximadamente um quilo de maconha e cinco munições nove milímetros. G.R.M foi encaminhado para o Departamento de Polícia Judiciário (DPJ) de Vitória.

Tráfico de drogas

Polícia Civil prende 16 acusados de tráfico de drogas em Vitória.

Dezesseis pessoas foram presas por envolvimento com o tráfico de drogas em uma operação realizada pela Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes (Deten). A ação aconteceu na madrugada de quarta-feira (03), no Bairro Ilha do Príncipe, em Vitória.

Por Redação Multmidia ES Hoje (redacao@eshoje.com.br).

Dezesseis pessoas foram presas por envolvimento com o tráfico de drogas em uma operação realizada pela Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes (Deten). A ação aconteceu na madrugada de quarta-feira (03), no Bairro Ilha do Príncipe, em Vitória.

Segundo o delegado da Deten, Jordano Bruno Leite, um trabalho de investigação que durou quatro meses revelou a existência do comércio de entorpecentes. Os policiais se dirigiram ao local e encontraram P.H.V.R., 19 anos, que é conhecido como um dos maiores traficantes da região. Ele já tem sete passagens pela polícia e foi preso em cumprimento de mandado de prisão preventiva.

"No ano passado, o suspeito foi surpreendido com grande quantidade de crack e por esse motivo foi pedida a prisão dele", explicou o delegado.

Durante a operação, outras 15 pessoas foram flagradas vendendo e consumindo entorpecentes. Todas foram autuadas por tráfico de drogas. A polícia investiga ainda se os detidos estariam envolvidos com o tráfico de entorpecentes gerenciado por P.H.V.R..

<http://www.jusbrasil.com.br/politica/2715061/policia-civil-prende-tres-mulheres-acusadas-de-traffic-de-drogas-em-vitoria>

Polícia Civil prende três mulheres acusadas de tráfico de drogas em Vitória Extraído de: Governo do Estado do Espírito Santo

Em operação realizada pela Polícia Civil na noite desta segunda-feira (08), três mulheres foram presas em Jabour, bairro da Grande Goiabeiras, em Vitória. Policiais da Delegacia de Crimes Contra a Vida (DCCV) de Vitória apreenderam cocaína e crack na residência das acusadas, que foram autuadas por tráfico e associação para o tráfico de drogas.

Segundo o delegado responsável pela ação, Orly Fraga, a operação foi motivada pela busca a suspeitos de homicídios ocorridos naquela região e que teriam relação com o tráfico de drogas.

O delegado também explicou que, há duas semanas, numa residência próxima ao local, foi preso um homem acusado de tráfico. As mulheres presas seriam suas sucessoras.

Polícia Civil prende mulher e apreende adolescente acusados de tráfico de drogas

A equipe da Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes (Deten) prendeu, na tarde desta segunda-feira (15), uma mulher suspeita de tráfico de drogas no bairro Maria Ortiz, em Vitória. Um adolescente de 17 anos foi apreendido durante a ação.

A operação foi feita após investigações realizadas pela equipe de investigadores da Deten. Em poucos dias, os policiais localizaram uma mulher, identificada como D.V.S., 26 anos, que foi apontada como a gerente do comércio de drogas no bairro.

Identificamos uma estrita relação familiar na prática do comércio de drogas no bairro Maria Ortiz, visto que o marido de D. já se encontra preso por tráfico. Constatamos a mesma situação em diversas prisões efetuadas nesta mesma região, disse o delegado Jordano Bruno Leite, da Deten.

Ainda segundo o delegado, ao chegar à casa onde a suspeita estava, os investigadores notaram que ela havia se trancado dentro da residência tentando passar a impressão de que não havia ninguém no local. Os policiais conseguiram entrar no imóvel e abordaram a mulher, que negou que houvesse drogas.

De acordo com Jordano Bruno Leite, após algumas buscas, nada foi encontrado pelos policiais, porém, havia indícios de que havia droga no local, pois foram descobertas várias sacolas com forte cheiro de pasta base de cocaína, além de material para preparo e embalo da droga.

De acordo com o delegado, diante das suspeitas ficou evidenciado que a acusada tentou jogar a droga pela descarga. Os investigadores realizaram buscas no sistema de esgoto da casa e encontraram várias pedras de crack e papelotes de cocaína.

Na residência foi apreendido, ainda, um adolescente de 17 anos de idade, que, segundo as investigações, era usado pela mulher na distribuição de droga pela região.

Os dois foram autuados em flagrante por tráfico e associação para o tráfico de drogas. As investigações prosseguirão e outros integrantes da quadrilha poderão ser presos a qualquer momento, concluiu o delegado.

Outras prisões

A operação desta segunda-feira teve ligação com outra ação realizada pela Deten, no último dia 01, também no bairro Jabour, em Vitória. Na ocasião, a equipe da Deten fechou um laboratório de drogas que funcionava em uma casa. Dois homens foram presos e uma adolescente de 17 anos foi apreendida.

Durante essa ação, os policiais apreenderam três pedaços de cocaína, pesando 4,6 gramas, 10 papelotes de cocaína, materiais para embalo de drogas, dois cadernos com anotações sobre o tráfico, cinco caixas de ácido bórico, dezenas de comprovantes de recarga de celular, comprovantes de depósitos bancários com diversos beneficiários, dois aparelhos de telefone celular, cartões bancários e uma arma de fogo de brinquedo.

A prisão desta segunda-feira (15) foi possível graças às investigações feitas pela equipe da Deten depois das prisões e apreensões do bairro Jabour. Durante as investigações, os policiais constataram que após a prisão de parte da quadrilha, outras pessoas, pertencentes ao mesmo grupo, teriam assumido o comércio de drogas no local. Rapidamente chegamos aos dois detidos na operação de hoje, disse o delegado Jordano

Bruno Leite da Deten.

Polícia Militar apreende maconha e crack e detém 17 pessoas na Grande Vitória
Extraído de: Governo do Estado do Espírito Santo - 18 de Maio de 2010

Durante patrulhamentos realizados nesta segunda-feira (17) por militares dos Batalhões da Polícia Militar da Grande Vitória e da Ronda Ostensiva Tática Motorizada (Rotam) foram apreendidas 70 buchas de maconha e 50 pedras de crack. Ao todo, 17 pessoas foram detidas. Cinco armas, entre elas revólveres, espingardas e uma garrucha também foram apreendidas.

Estudantes da Grande Vitória visitam Quartel da Polícia Militar em comemoração aos...

Mãe é presa e filha apreendida por tráfico de drogas em Barra de São Francisco

10º Batalhão da Polícia Militar apreende três quilos de maconha em Guarapari

» ver as 15 relacionadas

Além disso, dois veículos com restrição de roubo foram recuperados. Todos os materiais apreendidos e os detidos foram encaminhados para os Departamentos de Polícia Judiciária dos municípios onde as ocorrências foram registradas

WWW.FOLHAVITORIA.COM.BR

21/05/2010 às 17h15 - Atualizado em 21/05/2010 às 17h15 Criança é suspeita de chefiar tráfico no interior de São Paulo

São Paulo - Um menino, com aparência de 10 a 12 anos de idade, conhecido pelo apelido de "Poderosinho", é procurado pela polícia acusado de chefiar uma quadrilha de traficantes em São Manuel, no interior de São Paulo. Segundo a Polícia Militar, uma operação realizada no último dia 19 prendeu duas pessoas, um adolescente de 17 anos e um homem, de 21 anos. A medida foi tomada após várias denúncias anônimas e por meio de imagens captadas e enviadas à PM, informando que havia um ponto de venda de entorpecentes na Rua Francisco Tedesco e que seria chefiado por um adolescente, que está foragido.

Nas imagens, o jovem é visto entregando droga para "usuários" adultos, recebendo o dinheiro das vendas, além de coordenar a distribuição de "olheiros", que avisam os envolvidos no crime quando alguma viatura da polícia estiver nas imediações.

Durante a operação, um adolescente foi detido com dinheiro. Segundo a PM, ele mantinha a rotina de ir até uma residência, nas proximidades da Rodovia Marechal Rondon, possivelmente com o propósito de buscar a droga a ser vendida. O local também foi vistoriado sendo localizado um indivíduo, que se desfez de um pacote que continha várias porções de crack.

No interior do imóvel, os policiais localizaram várias embalagens plásticas, uma munição calibre 380, além de fita adesiva e bicarbonato de sódio. Normalmente, os traficantes usam este material para "batizar" a droga e, assim, aumentar o lucro. Os dois presos

foram encaminhados à Cadeia Pública de São Manoel onde permanecerão à disposição da Justiça. Outros envolvidos no crime já foram identificados e seus dados pessoais fornecidos à Polícia Civil.

http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2010/06/651168-o+placar+da+morte+no+estado+desde+janeiro+mil+assassinatos.html
Acessado em 28/06/2010 - 23h24 - Atualizado em 28/06/2010 – 23h24

O placar da morte no Estado: desde janeiro, mil assassinatos

Estado não consegue diminuir número de homicídios e, no meio do ano, já chega à milésima morte

Anny Giacomini - A Gazeta

O primeiro semestre ainda nem acabou, e o Estado já ultrapassou a triste marca de mil homicídios. Em 2009, nos seis primeiros meses do ano, 1.018 pessoas foram assassinadas. Neste ano, até o último domingo, 27 de junho, o número de vítimas chegava a 1.006, uma média de 5,65 mortes por dia.

Veja os destaques do jornal A Gazeta

No ano passado, a Secretaria de Estado de Segurança Pública (Sesp) chegou a divulgar que o número de homicídios de janeiro a junho havia sido de 999. Mas, depois de uma auditoria nos números, constatou-se que o dado correto era 1.018.

O adolescente Gilmar Buequer da Silva Júnior foi a milésima vítima de assassinato no Estado neste ano. Aos 15 anos, ele foi executado com 25 tiros na última sexta-feira, no bairro Jardim Guadalupe, em Vila Velha, depois de ter sumido de casa por um mês. No dia do crime, a mãe do adolescente - que é auxiliar de serviços gerais - chegou a dizer, em estado de choque, o que, para ela, teria causado a morte do filho: "Isso é resultado de más companhias". A polícia ainda investiga a motivação e a autoria do crime.

A morte de Gilmar não foi a primeira dor desse tipo por que passa a mãe do adolescente: cinco anos antes, ela teve outro filho assassinado. O garoto tinha 17 anos, era viciado em crack e deveria a traficantes. É esse o perfil de maioria das vítimas de homicídios no Estado: são jovens, do sexo masculino, que têm envolvimento com drogas. Por várias vezes, o governo estimou em 70% o número de crimes motivados por consumo e tráfico de entorpecentes.

Ciente dos altos índices de violência no Estado, o secretário estadual de Segurança Pública, André Garcia, que assumiu a pasta no fim de março, ressaltou que o grande desafio é construir uma estratégia que permita, a médio e a longo prazo, apresentar a redução desses números.

"Se compararmos maio e junho de 2009 no mesmo período de 2010, tivemos uma redução bem mais acentuada que em anos anteriores. Mesmo assim é um patamar elevado. Sabemos disso. E por isso fizemos grandes investimentos para melhorar a estrutura da polícia", explicou o secretário.

Garcia ressaltou que o que pode ser feito no que diz respeito à polícia está sendo realizado. "Há uma parcela de crimes que estão impermeáveis às ações policiais. Trata-se de crimes passionais ou motivados por vingança. São quase 30% do total do Estado.

Podemos trabalhar o que for, mas sempre vamos esbarrar nesse percentual, que a polícia não tem como prever", disse.

Maioria

80% das vítimas - Esse é o percentual de vítimas de homicídios no Espírito Santo que são do sexo masculino.

Primeiro dia do ano teve quatro vítimas na Serra

Desde o primeiro dia de 2010, a Serra já dava indícios de que continuaria ocupando a primeira posição no ranking dos municípios onde ocorrem mais homicídios no Estado. Somente no dia 1º de janeiro, quatro pessoas foram assassinadas na cidade.

Uma das vítimas foi o jovem Leonardo Almeida Gava, de 21 anos. Ele estava próximo de casa, no Bairro das Laranjeiras, na Grande Jacaraípe, na Serra, quando foi surpreendido por um homem e atingido por três tiros. Leonardo ficou caído no meio da rua, causando revolta dos familiares.

No local do crime, ninguém soube informar a motivação da morte do rapaz ou quem havia sido o autor dos disparos que mataram Leonardo. Mas investigações policiais revelaram que a vítima era usuária de drogas e tinha passagem na polícia por envolvimento com o tráfico.

De acordo com a Delegacia de Crimes Contra a Vida da Serra, onde está o inquérito desse caso, o assassino de Leonardo Gava já foi identificado, mas até hoje não foi preso.

Em Vitória e Vila Velha, mais casos em 2010

Comparando o número de homicídios por município no primeiro semestre deste ano com o mesmo período de 2009, Vila Velha e Vitória foram os únicos da Grande Vitória que registraram aumento no número de mortes. Na Capital, foram 80 mortes no ano passado contra 85 em 2010. Já na cidade canela-verde, o número subiu de 130 para 143 casos este ano.

A Secretaria de Defesa Social de Vila Velha, em nota, informou que vem desenvolvendo ações em conjunto com as demais secretarias municipais para combater a violência na cidade. O secretário José Paulo Barcelos Rocha ressaltou, ainda, que as câmeras de videomonitoramento instaladas em pontos estratégicos da cidade contribuíram para reduzir o índice de violência nos três últimos meses, em relação a 2009.

Capital

Já o secretário de Segurança Urbana de Vitória, João José Sana, destacou que ainda não tinha um balanço do número de assassinatos na Capital neste ano. Disse também que o município tem discutido a questão da prevenção dos homicídios.

"Segurança não é somente assunto de polícia. A violência tem que ser tratada de forma intersetorial. Temos um número assustador de jovens, pobres e negros envolvidos com o crime. Por isso precisamos oferecer Educação em tempo integral. É uma forma de valorizar o jovem, valorizando a vida", disse Sana.

Projeto reduz média mensal de crimes

Apesar de ter os números absolutos de homicídios maiores do que os dos outros municípios, a Serra é a cidade que tem, percentualmente, a maior redução na taxa na

Grande Vitória. De 2008 para 2009, o número de assassinatos passou de 2006 para 192. Já do ano passado para 2010 - até o dia 27 de junho -, o número caiu para 183 mortes, uma redução de 5%.

O secretário de Defesa Social da Serra, Joel Lyrio Júnior, atribui aos bairros Vila Nova de Colares e Feu Rosa essa mudança que ajudou na redução dos índices na Serra. Nesses locais, com apoio do governo federal, é desenvolvido o projeto Território da Paz.

"Nesses bairros, nossa média de homicídios por mês passou de 16 para 4. Em compensação houve migração dos criminosos para outros pontos, como Planalto Serrano, Laranjeiras e Jacaraípe. Mas já reforçamos o monitoramento, instalando mais câmeras", disse o secretário.

Ainda segundo Lyrio, boa parte dos homicídios no município tem como motivação o envolvimento das vítimas com o tráfico de drogas.

Cariacica

Assim como acontece na Serra e em outros municípios, Cariacica conta com o auxílio de programas do governo para tentar baixar o índice de violência. Para a secretária-executiva do Gabinete de Gestão Integrada, Simone Franco Garcia, a redução dos índices de assassinatos - de 184 no primeiro semestre do ano passado para 171, em 2010 - deve-se, em parte, às políticas sociais integradas que funcionam no município.

"Estamos focando mais nos jovens, a parte da sociedade que mais nutre esse índice. Infelizmente, o número de mortes é alto. Mas acreditamos que nossos projetos tenham efeito a médio prazo. Não temos varinha mágica para resolver tudo de uma vez", disse Simone.

Número de roubos ainda não foi divulgado

Até ontem, a Secretaria de Estado da Segurança Pública e Defesa Social (Sesp) só tinha disponibilizado em seu site os dados de roubos e furtos a residências, a estabelecimentos comerciais, a pessoas em via pública e de veículos relativos a 2008. Os números dessas ocorrências em 2009 e 2010, segundo a assessoria, ainda estão sendo levantados. A demora em fechar os índices ocorreu por conta de falta de pessoal. Mesmo sem estar no site, o secretário de Segurança, André Garcia, garantiu, ontem, que o número de roubos e furtos a residências caiu em relação a 2009. De acordo com Garcia, foram registrados em 2010 cerca de 800 ocorrências a menos. Ele atribui isso ao aumento do policiamento ostensivo.

Retrato da criminalidade

EM 2010 (Até 27/06)

JANEIRO

194 homicídios no Estado

38 na Serra

37 em Cariacica

20 em Vila Velha

22 em Vitória

5 em Viana

4 em Guarapari

68 no interior

FEVEREIRO

179 homicídios no Estado

32 em Cariacica

29 em Vila Velha

28 na Serra

12 em Vitória

5 em Viana

9 em Guarapari

65 no interior

MARÇO

187 homicídios no Estado

28 em Cariacica

31 em Vila Velha

32 na Serra

22 em Vitória

5 em Viana

10 em Guarapari

59 no interior

ABRIL

195 homicídios no Estado

33 em Cariacica

36 em Vila Velha

34 na Serra

14 em Vitória

1 em Viana

3 em Guarapari

74 no interior

MAIO

140 homicídios no Estado

18 em Cariacica

17 em Vila Velha

26 na Serra

7 em Vitória

3 em Viana

5 em Guarapari

64 no interior

JUNHO - ATÉ DIA 27

111 homicídios no Estado

23 em Cariacica

10 em Vila Velha

26 na Serra

8 em Vitória

2 em Viana

1 em Guarapari
41 no interior

HOMICÍDIOS POR MUNICÍPIO, DE JANEIRO A JUNHO

Na Grande Vitória
2008: 677
2009: 641
2010: 635 (até dia 27)

No Estado
2008: 1.002
2009: 1.018
2010: 1.006 (até dia 27)